



Educação Física e os esportes paralímpicos: experiência de adaptação para as aulas do ensino médio

Mayla dos Santos de Oliveira

Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, Brasil

Larissa Beraldo Kawashima

Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT, Brasil

RESUMO

Os esportes paralímpicos são uma ferramenta muito importante de inclusão para sociedade, destacando-se no ambiente escolar como conteúdos da educação física. O objetivo deste relato de experiências é apresentar uma unidade didática aplicada para turmas do ensino médio integrado ao técnico em secretariado do Instituto Federal de Mato Grosso, bem como a avaliação da proposta pedagógica feita pelos estudantes participantes da pesquisa. A pesquisa foi dividida em três etapas: construção da proposta pedagógica; intervenção; e avaliação. A proposta buscou refletir sobre a inclusão social de pessoas com deficiência, trazendo o contexto histórico do esporte paralímpico, a sua importância, as diferentes modalidades, apresentou atletas paralímpicos e propôs aos estudantes analisarem os espaços da instituição e a possibilidade de mobilidade da pessoa com deficiência. Contribuiu com a formação dos estudantes, que futuramente poderão ser profissionais atuantes nas diferentes áreas da sociedade, pensando políticas públicas, colaborando com a reabilitação e educação para pessoas com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Modalidades paralímpicas. Proposta pedagógica. Educação Física.

PHYSICAL EDUCATION AND PARALYMPIC SPORTS: EXPERIENCE OF ADAPTING TO HIGH SCHOOL CLASSES

ABSTRACT

Paralympic sports are a very important inclusion tool for society, standing out in the school environment as physical education content. The objective of this article is to present a didactic unit applied to high school classes integrated with the secretariat technician at the Federal Institute of Mato Grosso, as well as the evaluation of the pedagogical proposal made by the students participating in the research. The research was divided into three stages: construction of the pedagogical proposal; intervention; and evaluation. The proposal sought to reflect on the social inclusion of people with disabilities, bringing the historical context of Paralympic sport, its importance, the different modalities, presented Paralympic athletes and proposed that students analyze the institution's spaces and the possibility of mobility for people with disabilities. It contributed to the training of students, who in the future could be professionals working in different areas of society, thinking about public policies, collaborating with rehabilitation and education for people with disabilities.

KEYWORDS: School. Paralympic modalities. Pedagogical proposal. Physical education.

EDUCACIÓN FÍSICA Y DEPORTES PARALÍMPICOS: EXPERIENCIA DE ADAPTACIÓN A LAS CLASES DE ESCUELA SECUNDARIA

RESUMEN

Los deportes paralímpicos son una herramienta de inclusión muy importante para la sociedad, destacándose en el ámbito escolar como contenidos de educación física. El objetivo de este artículo es presentar una unidad didáctica aplicada a las clases de secundaria integrada con la secretaría técnica del Instituto Federal de Mato Grosso, así como la evaluación de la propuesta pedagógica realizada por los estudiantes participantes de la investigación. La investigación se dividió en tres etapas: construcción de la propuesta pedagógica; intervención; y evaluación. La propuesta buscó reflexionar sobre la inclusión social de las personas con discapacidad, trayendo el contexto histórico del deporte paralímpico, su importancia, las diferentes modalidades, presentó a los deportistas paralímpicos y propuso que los estudiantes analicen los espacios de la institución y la posibilidad de movilidad de las personas con discapacidad. Contribuyó a la formación de estudiantes, que en el futuro podrían ser profesionales que trabajen en diferentes áreas de la sociedad, pensando en políticas públicas, colaborando con la rehabilitación y educación de personas con discapacidad.

PALABRAS CLAVE: Escuela. Modalidades Paralímpicas. Propuesta pedagógica. Educación Física.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física na escola passou por várias transformações de sua prática pedagógica, em algumas delas seu papel era promover a saúde dos estudantes, desenvolvimento das capacidades físicas, formação de equipes esportivas e treinamento, mas após várias discussões sobre a importância da Educação Física dentro do ambiente escolar, sua prática foi buscando se comprometer com o propósito da Educação e os documentos que a regulamentam (González; Fensterseifer, 2010).

Muitas dessas práticas provocavam um aumento da desvalorização da diversidade, visto por Silva (2006) como algo negativo e que, possivelmente, poderia promover a discriminação entre os estudantes:

A prática uniformizadora da escola vem comprometendo a pluralidade e a diacronicidade da aprendizagem, anulando ou minimizando a importância do respeito à diversidade e, dessa forma, desconsiderando as peculiaridades dos alunos com necessidades educacionais especiais, como sujeitos que merecem um olhar diferenciado (não preconceituoso ou discriminatório) do professor (Silva, 2006, p. 23).

A Educação Física da escola sem fins inclusivos ou promoção da cooperação entre os alunos, poderia gerar frustrações, favorecendo fortemente a exclusão, podendo ser uma barreira para a Educação Inclusiva (Aguiar; Duarte, 2005). Como componente curricular da Educação Básica, a Educação Física não deve se ausentar da obrigação de colaborar com a Educação Inclusiva, devendo cumprir com o compromisso de incluir seus estudantes, flexibilizando os métodos de aprendizagem, de forma que contribua com seu desenvolvimento social, afetivo e motor, também os conscientizando sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade (Brasil, 1996).

A escola, assim como todos os outros campos da sociedade, tinha uma prática de promover a separação de pessoas sem deficiência em escolas regulares e, pessoas com deficiências, altas habilidades e transtornos globais do desenvolvimento, em escolas especiais. E na vida adulta, todos frequentavam os mesmos ambientes, mas a partir da promulgação da Declaração de Salamanca de junho de 1994, a Educação, com um modelo de ensino respaldado no princípio da inclusão de pessoas com deficiência, passou a ser uma exigência assegurada pelos Estados. Esse documento busca orientar os governantes, as instituições formadoras dos profissionais da Educação, as escolas e também os pais, para promover uma contribuição efetiva no processo de ensino dos estudantes (UNESCO, 1994).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacaram para Educação Física um aspecto fundamental para uma educação republicana, o princípio de inclusão, orientando a sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem, e avaliação, em favor de incluir os estudantes por meio da participação e reflexão concretas e efetivas, fugindo das práticas de seleção dos aptos e não aptos as vivências das práticas (Brasil, 1998).

Apesar de todas essas orientações dos documentos e leis regulamentadoras da Educação Inclusiva, que valorizam a diversidade, o processo de formação dos educadores nem sempre colabora para isso, não os preparando para construir uma prática para trabalhar com grupos heterogêneos (Frug, 2009). Pensando nisso, construímos uma sistematização de aulas, pautada nos Jogos Paralímpicos, que é o principal evento para pessoas com deficiência, abarcando atletas com deficiência física, intelectual e visual.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar uma unidade didática aplicada para turmas do ensino médio integrado ao técnico em secretariado do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), bem como a avaliação da proposta pedagógica feita pelos estudantes participantes da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As escolas são instituições importantes para a inclusão social dos estudantes com deficiência, altas habilidades e transtornos globais do desenvolvimento, devendo propor currículos mais flexíveis e abrangentes, focados no trabalho cooperativo e metodologias centradas na colaboração do desenvolvimento de todos os alunos, além “[...] do acesso, a escola deve garantir a permanência e o sucesso de todos” (Veltrone, 2008, p.31). Também, como está descrito na Declaração de Salamanca, “escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos [...]” (UNESCO, 1994, p.1).

No Brasil, com a promulgação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 1996, passou a ser garantido aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, serviços de apoio, quando necessário nas escolas. Caso não haja possibilidade de integração do aluno em classes comuns do ensino regular, ele tem o direito de atendimento especializado, sendo ofertado durante todo o período de formação (BRASIL, 1996).

A formação dos profissionais deve contribuir de forma que eles possam atingir esse objetivo, assim “[...] há necessidade que os cursos de educação superior, que formam os licenciados em Educação Física, desenvolvam competências para esse fim” (Aguiar; Duarte, 2005, p. 224). A formação de educadores é um dos pontos tratados na Declaração de Salamanca, para que a mediação possa atingir o estudante de forma significativa e que o professor passe a colaborar com o desenvolvimento de seus estudantes:

[...] atenção especial deveria ser dada à preparação de todos os professores para que exercitem sua autonomia e apliquem suas habilidades na adaptação do currículo e da instrução no sentido de atender as necessidades especiais dos alunos, bem como no sentido de colaborar com os especialistas e cooperar com os pais (UNESCO, 1994, p. 10).

Cabe ao educador reconhecer sua importância durante o processo de formação desses estudantes, sempre buscando alinhar sua prática pedagógica, de forma que contribua com os outros colaboradores do seu processo de reabilitação e educação.

A Educação Física escolar, preconizada por tendências pedagógicas anteriores à década de 1980, tinha a prática docente centrada em transmitir a ideia de corpo saudável, perfeito, produtivo, de rendimento e técnica (Costa; Souza, 2004), separando as turmas por gênero e excluindo os estudantes com limitações ou poucas habilidades, provocando o aumento da desvalorização da diversidade, visto por Silva como algo negativo:

A prática uniformizadora da escola vem comprometendo a pluralidade e a diacronicidade da aprendizagem, anulando ou minimizando a importância do respeito à diversidade e, dessa forma, desconsiderando as peculiaridades dos alunos com necessidades educacionais especiais, como sujeitos que merecem um olhar diferenciado (não preconceituoso ou discriminatório) do professor (Silva, 2006, p. 23).

Dentro da Educação Física da escola, é possível observar algumas práticas da cultura competitiva, sem fins inclusivos ou promoção da cooperação entre os estudantes, podendo gerar frustrações, favorecendo fortemente a exclusão, podendo ser uma barreira para a Educação Inclusiva (Aguilar; Duarte, 2005). A Educação Física, como componente curricular da Educação Básica, não deve se ausentar da obrigação de colaborar com a Educação Inclusiva, devendo cumprir com o compromisso de incluir os estudantes, flexibilizando os métodos de aprendizagem, de forma que contribua com seu desenvolvimento social, afetivo e motor, também conscientizando todos a importância de reconhecer e valorizar a diversidade.

Sendo uma ferramenta muito importante da sociedade, na escola os esportes presentes nos Jogos Paralímpicos podem aparecer como conteúdos das aulas de Educação Física, nas unidades temáticas de lutas, esportes e nas práticas corporais de aventura (Brasil, 2018), com a sua diversidade de modalidades paradesportivas e, também, a inclusão dos estudantes que têm interesse nas Paralímpiadas Escolares.

Os Jogos Paralímpicos, que conhecemos atualmente, surgiu como um método de promover a reabilitação dos soldados envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Através do trabalho do médico neurologista e neurocirurgião, Ludwig Guttmann, que em 1944 fundou o Centro de Reabilitação para Tratamento de Lesionados Medulares, no Hospital de Stoke Mandeville, e acreditava no esporte como uma ferramenta de acelerar a reabilitação, dar outra perspectiva de vida aos lesionados, exercitar o tronco e membros superiores, também diminuir o tédio do hospital. No Brasil, algumas modalidades chegaram através de duas pessoas que foram buscar reabilitação nos Estados Unidos, em decorrência de terem se tornado deficientes físicos após acidentes. Robson Sampaio de Almeida, era residente da cidade do Rio de Janeiro e ao retornar fundou o Clube do Otimismo, em São Paulo; Sérgio Serafim Del Grande fundou o Clube dos Paraplégicos, que praticava o basquete de cadeira de rodas (Araújo, 1997).

As Paralímpiadas Escolares, com sua primeira edição em 2009, têm como intuito promover a inclusão, atender a diversidade humana e a socialização dos jovens e crianças de todas as escolas do território nacional. As modalidades que integram a competição são o atletismo, a natação, goalball, tênis de mesa, bocha, judô, tênis de cadeira de rodas, futebol de 5, futebol de 7, voleibol sentado, basquete em cadeira de rodas, parabadminton e taekwondo.

Modalidades essas que atendem deficientes físicos, visuais e intelectuais, e o evento tem como objetivos:

- Fomentar e estimular a participação de estudantes de todo o território nacional com deficiência física, visual e intelectual na prática de atividades esportivas;
- Oportunizar um ambiente para o desenvolvimento dos destaques esportivos paralímpicos;
- Utilizar a prática esportiva como fator de integração e intercâmbio sociocultural e desportivo entre estudantes;
- Garantir o conhecimento do esporte Paralímpico de modo a oferecer mais oportunidade de acesso à prática inclusiva escolar em todo o território nacional;
- Contribuir para o desenvolvimento integral do aluno como ser social, autônomo, democrático e participante, estimulando o pleno exercício da cidadania através do esporte (Comitê Paralímpico Brasileiro, 2021, p. 4).

Torna-se um evento de grande importância, por dar espaço aos estudantes com deficiência que estão em fase escolar e querem desfrutar de uma competição, também, dando oportunidade de descobrir possíveis futuros atletas paralímpicos ou paratletas.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esse relato apresenta e descreve uma Unidade Didática que sistematiza e tematiza os “Jogos Paralímpicos”, aplicada às turmas do Ensino Médio integrado ao técnico em secretariado do IFMT, apresentando aos estudantes os fatos históricos, as deficiências que fazem parte do programa Paralímpico, os esportes presentes no evento (de verão e inverno) e algumas propostas de vivências dos esportes de fácil adaptação para serem praticados dentro da escola.

A experiência apresentada a partir da aplicação da Unidade Didática possui características qualitativas, sendo que os dados descritivos foram obtidos sobre o sujeito, o ambiente, e a interação direta do pesquisador com a situação investigada, com a intenção de compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos participantes do processo investigativo (Godoy, 1995).

O cenário foram as aulas de Educação Física do IFMT, campus Cuiabá - Cel. Octayde Jorge da Silva. Os sujeitos participantes foram 73 alunos das turmas dos 2º anos A e B do curso técnico em secretariado integrado ao ensino médio. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do IFMT, sob o número CAAE: 57125722.20000.8055. Todos os alunos participantes da pesquisa receberam e assinaram o “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido” e os menores de idade receberam um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (participante menor de idade)”, que foi assinado por seus responsáveis.

A apresentação dos dados seguiu as etapas percorridas ao longo da experiência, que foi: a elaboração da Unidade Didática e aplicação da proposta nas aulas de Educação Física; avaliação e reflexão da proposta.

A Unidade Didática contemplou 22 aulas, com duração de 50 minutos cada, sendo aulas duplas e em sequência, realizadas às sextas-feiras. As turmas eram numerosas, tendo a turma do 2A 34 meninas e 3 meninos e, na turma do 2B, 32 meninas e 3 três meninos. A aplicação da unidade didática se iniciou no mês de abril e foi finalizada em agosto, com as duas turmas, referente ao 2º bimestre letivo de 2022. Durante as aulas práticas, utilizamos alguns materiais que foram essenciais para execução: Balão; Bolas de voleibol; Bolas de basquete; Bola de futsal; Bola de Goalball; Cadeiras; Cones; Corda; Fita; Guia/barbante; Medicine ball; Projetor; Rede de voleibol ou barbante; Sacolas plásticas; e Vendas para os olhos.

A avaliação da Unidade Didática foi realizada pelos estudantes por meio de um questionário, contendo questões abertas e fechadas disponibilizado no *Google Forms*. As análises dos dados se fundamentaram na análise descritiva apresentada por Soriano (2004), sendo a combinação das diferentes respostas que tratam do mesmo fato, agrupando-as de acordo com aquilo que se quer estudar, analisando separadamente suas variáveis e redigindo-se a análise descritiva. Em seguida, realizou-se uma análise dinâmica para integrar as respostas de modo a identificar as possíveis ligações entre a informação colhida e a problemática pesquisada.

4 RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em duas etapas, sendo a primeira a apresentação/descrição da unidade didática aplicada nas duas turmas e, a segunda, os resultados referentes à avaliação das aulas, por meio do questionário respondido pelos estudantes.

4.1 Apresentação da aplicação da unidade didática

O resultado aqui apresentado se trata de uma sequência pedagógica elaborada no desenvolvimento do conteúdo esporte, focando especificamente nos esportes Paralímpicos. Mostrando as possibilidades de adaptações das práticas e de materiais, cujo objetivo era possibilitar aos alunos conhecer sobre a história do Movimento Paralímpico e os atletas paralímpicos de referências nacionais, vivenciar algumas modalidades paralímpicas, refletir sobre a inclusão de pessoas com deficiência dentro e fora da escola, além disso, reconhecer a importância social do movimento paralímpico.

Na 1ª e 2ª aula, iniciamos com um diagnóstico para saber se os alunos já assistiram aos Jogos Paralímpicos, se conheciam algum atleta ou sabiam algo em relação ao Movimento

Paralímpico, sendo que nas duas turmas muitos já haviam visto na televisão, mas nunca presenciaram um jogo ou conhecia algum atleta pessoalmente. Na sequência apresentamos a proposta do 2º Bimestre, os conteúdos que seriam desenvolvidos, os possíveis esportes que seriam vivenciados e os tipos de avaliação que seriam aplicadas ao longo do bimestre. Foi aberto um momento para os alunos opinarem sobre a proposta e darem sugestões e, além disso, escolherem os valores que seriam atribuídos para cada avaliação.

Em seguida, as turmas assistiram ao vídeo “Une chorégraphie Originale par Sadeck Waff” (2021), sobre a divulgação dos Jogos Paralímpicos de 2024 em Paris, e fizemos a seguinte pergunta: “Qual a palavra que você acredita representar esse vídeo?”. E verbalizaram palavras como: inclusão, talento, treino, capacidade, força, emoção, entre outras. Em seguida, conhecemos um pouco sobre o Comitê Paralímpico Internacional, suas missões, visões e valores e também sobre o símbolo dos jogos, o que significava sua forma e cores. Utilizamos a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) para justificar a utilização desse tema no ensino médio com alunos não deficientes. O documento descreve que nessa fase de ensino, os estudantes devem experimentar tudo o que a cultura corporal de movimento dispõe e, além disso, devem ser desafiados a refletir sobre essas práticas corporais, aprofundando seus conhecimentos diante dos conteúdos vistos em sala de aula:

Essa reflexão sobre as vivências também contribui para a formação de sujeitos que possam analisar e transformar suas práticas corporais, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas em defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos (Brasil, 2018, p. 486).

A temática atinge o que a competência específica da Educação Física propõe sobre as práticas corporais, “reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade” (Brasil, 2018, p. 495), também as habilidades propostas pelo documento, desejando que os estudantes respeitem e valorizem as diferenças, que possam significá-las em seus projetos de vida e que possam analisar criticamente (Brasil, 2018).

Ao final da aula dividimos os grupos do primeiro trabalho, que deveriam fotografar os espaços não inclusivos do IFMT - campus Cuiabá, sendo que o campus foi dividido em blocos conforme a quantidade de grupos. Os alunos deveriam entregar as fotos juntamente com uma justificativa do “Por que não é inclusivo o espaço X?”.

A 3ª e a 4ª aula foram divididas em dois momentos, iniciando com a exposição da história e o percurso do Movimento Paralímpico no mundo e no Brasil na turma 2A, apontando quem foram os pioneiros do movimento. No segundo momento fizemos uma caminhada pelo campus, como podemos ver na figura 1, em duplas, sendo que um deveria ficar vendado e outro

não (para ser o guia), e saímos da sala de ginástica e fomos a portaria da instituição; chegando lá, trocamos quem estava guiando, que agora seria guiado, e fomos da portaria até a sala de ginástica pelo lado oposto. Assim que todos os alunos foram finalizando o trajeto, organizamos em roda e debatemos sobre as dificuldades que enfrentamos durante o percurso. Os alunos relataram a falta de corrimão, as lombadas em lugares inapropriados, armários com portas que não fecham, entre outros detalhes que precisavam ser readequados para o melhor acesso dos alunos com deficiência no campus. Com a turma do 2B invertemos os momentos para não coincidir com o horário de intervalo. Na roda de conversa foi notória a importância de termos invertido as atividades, porque durante o trajeto dessa turma havia alguns alunos de outras turmas nos corredores, que ficavam fazendo comentários (dizendo que haviam objetos na frente deles) e aumentando a insegurança dos estudantes que estavam vendados.

Figura 1 – Caminhada vendada



Fonte: própria dos autores.

A 5ª e 6ª aula foi realizada na sala de ginástica, pois era ideal pelo espaço amplo e favorecia o trabalho em roda. Nela tratamos dos tipos de deficiências elegíveis para participar do programa Paralímpico, as classificações funcionais que cada deficiência tem (física, intelectual e visual) e também quais as modalidades esportivas direcionadas para elas. Além disso, apresentamos o objetivo dessa classificação, quais são os profissionais responsáveis por classificar os participantes. Como exemplos, trouxemos a classificação funcional dos deficientes intelectuais no atletismo e natação, deficiência física na natação, bocha e basquete

sobre cadeira de rodas, deficiência visual no atletismo e natação. A diferença entre atleta paralímpico e “para atleta” também foi discutida, além da exibição de alguns vídeos sobre: Como funcionam as próteses do esporte paralímpico - com audiodescrição; Classificação do atletismo paralímpico; Atletismo Paralímpico - Provas de Campo; Atletismo Paralímpico - Guias/Comitê Paralímpico Brasileiro; e As classes da natação paralímpica - com audiodescrição.

No segundo momento da aula demos início ao voleibol sentado, com uma brincadeira de vivo-morto, iniciando com todos sentados e ao ouvir o comando “vivo” deveriam fazer a posição de toque (fundamento do voleibol) e ao ouvir “morto” posição de manchete. Para a segunda brincadeira, fizemos um pega-pega sentado, em que todos deveriam se locomover com os glúteos no chão, e ao longo da brincadeira aumentamos o número de pegadores. Passamos para as atividades com balão, sendo que cada dupla recebeu um, não podendo deixá-lo tocar no chão enquanto rebatem um para o outro. Na sequência, aumentamos o grupo para seis pessoas e apenas um balão. Depois, foram separados dois grandes grupos para jogar o voleibol sentado, sendo a área de jogo dividida com *steps* (ginástica) representando a rede. Inicialmente, utilizou-se um balão e depois vários outros simultâneos, sendo que cada vez que o balão tocava ao chão, os estudantes que estavam no fundo do campo de jogo eram trocados com os que estavam na frente. A aula foi finalizada com a apresentação das informações sobre o segundo trabalho, com o objetivo de pesquisar sobre os “para atletas” ou atletas paralímpicos, em que cada grupo teve autonomia para se organizar.

Na 7ª e 8ª aula iniciamos na quadra, sendo abordado o voleibol sentado. Fizemos uma roda de conversa com os alunos, diferenciando o voleibol convencional do sentado, e a partir daquele momento, os alunos não poderiam mais levantar os glúteos do chão. Partimos para o alongamento e aquecimento, e as alunas se queixaram de sujar a roupa, porque estávamos o tempo todo nos locomovendo com o glúteo no chão. Na primeira atividade, separamos os grupos de cinco pessoas e solicitamos que passassem a bola dentro do grupo através do toque, sendo que o colega poderia segurá-la e fazer o toque; para dificultar a atividade, a recepção e o passe passaram a ser diretos (sem segurar a bola). O próximo fundamento, a manchete, seguiu a mesma dinâmica anterior. A segunda atividade, os alunos se organizaram em duas colunas, como podemos ver na figura 2, uma de frente para outra com dois metros ou mais de distância, todos sentados e passando a bola de um lado para o outro, da forma que conseguissem executar até chegar no último aluno. Para finalizar a aula, dividimos a sala em dois grupos e simulamos um jogo, como está na figura 2, sendo que os alunos deveriam recepcionar a bola segurando-a e realizar os três toques para passá-la; o time que sofresse o ponto deveria inverter os jogadores que estavam na frente com os que estavam no fundo da quadra.

Figura 2 – Voleibol sentado



Fonte: própria dos autores

A 9^a, 10^a, 11^a e 12^a foram aulas destinadas à apresentação de trabalhos sobre os atletas paralímpicos ou “para atletas”, e os alunos poderiam escolher como realizá-la, com slides, cartazes ou fotos, mas deveriam trazer as informações solicitadas na descrição do trabalho: Qual modalidade e classificação funcional? Conquistou títulos? Explicar sobre a deficiência do atleta; Se tem alguma outra profissão além da de atleta? e Curiosidades. Alguns grupos apresentaram um vídeo do próprio atleta falando um pouco sobre como é ser atleta Paralímpico.

A 13^a e 14^a aula foi destinada à modalidade do basquete em cadeira de rodas, sendo realizada na quadra com utilização de cadeiras de plástico convencionais. Começamos a aula com uma roda de conversa, explicando como se joga o basquete de cadeira de rodas e como se desenvolveria nossa aula naquele dia. Iniciamos com um alongamento e aquecimento realizado com os estudantes sentados nas cadeiras. Separamos os grupos conforme o número de bolas disponíveis, que eram seis, para a primeira atividade, em que cada grupo se organizou em roda para executar os passes da modalidade, sendo eles: o passe quicado, passe de peito e o passe sobre a cabeça. Na segunda atividade, fizemos minijogos em cada metade da quadra, sendo disputados por dois times de três alunos durante 10 minutos, trocando as equipes posteriormente. A terceira atividade foi a simulação de um jogo com dois times de cinco alunos, com duração de 10 minutos, sendo algumas regras criadas em conjunto com a turma: uma delas, na hora de receber a bola, o glúteo deveria estar em contato com a cadeira, devido ao fato de

que os alunos se levantavam para se locomover. Finalizamos a aula com uma roda de conversa, perguntando aos alunos como se sentiram durante o jogo.

Nessa aula, o espaço da quadra estava cheio de alunos de outras turmas que estavam brincando na quadra do lado e fazendo muito barulho, o que dificultava a nossa comunicação dentro da aula, especificamente com a turma 2B, que havia uma aluna com deficiência auditiva, que mesmo com o uso de aparelho, sentiu dificuldade em escutar os comandos e explicações das atividades, precisando do auxílio dos colegas próximos.

Na 15ª e 16ª aula, a modalidade trabalhada foi o para atletismo, porém tivemos um número reduzido de alunos, devido ser a última semana de aula antes das férias do meio de ano. Iniciamos a aula na quadra com uma roda de conversa, explicando as atividades que seriam desenvolvidas, além do alongamento e aquecimento. A primeira atividade foi a corrida para cadeirantes, com ajuda de alguns skates. Solicitamos que os alunos se sentassem no skate e se impulsionassem com ajuda dos braços até um local delimitado, retornando e entregando-o para o colega. Após a experimentação de todos os estudantes, fizemos uma competição, separando-os em duas equipes, em que todos deveriam ir e voltar em cima do skate impulsionando com a mão, ganhando a equipe mais rápida. Na segunda atividade, fomos até a pista de atletismo, que fica localizada ao redor das quadras, para realizarmos a corrida guiada, apresentando aos alunos a guia feita de barbante, explicando como deveriam conduzir o colega que estava vendado. Logo após, fizemos duas atividades de arremesso: uma com os olhos vendados, para simular o arremesso realizado por uma pessoa com deficiência visual; e o outro, sentada na cadeira, com a bola de *medicine ball*, simulando o arremesso para pessoas com deficiência física.

Na 17ª e 18ª aula a modalidade trabalhada foi o futebol de cegos, realizada na quadra, tendo o início com uma roda de conversa, seguido de alongamento e um pega-pega para os alunos se aquecerem. Nessa brincadeira, o pegador deveria chutar a bola de futsal no outro colega para este ser pego. Na próxima atividade, separamos alguns voluntários para ficarem responsáveis em dar suporte aos seus colegas quando necessário, utilizando alguns barbantes que variavam de seis a dez metros segurados por dois alunos em cada uma das pontas; organizamos três colunas em que os alunos deveriam ir de uma ponta a outra, caminhando e organizando a coluna do outro lado, depois retornando ao início, com o objetivo de retornarem correndo, porém, nem todos conseguiram.

Para as atividades, dispúnhamos apenas de uma bola de futsal com guizo, as demais foram adaptadas, envolvidas com sacola plástica para emitirem sons ao deslizarem sobre o chão. Na primeira atividade, os colegas voluntários jogavam as bolas um pouco à frente do aluno vendado e ele, através do som, buscava-a com as mãos e as trazia ao voluntário. Para aumentar o nível de dificuldade, os alunos passaram a pegar a bola com os pés e trazer até o

colega que estava sem a venda. Na turma do 2B, a bola oficial com guizo ficava com o grupo em que a aluna com deficiência auditiva estava, para que fosse possível escutar o som que a bola emitia. Separamos a turma em times de 6 alunos para vivenciarem um jogo, sendo que apenas o goleiro estava sem a venda.

Na 19ª e 20ª aula trabalhamos com o esporte *goalball*. Iniciamos com uma roda de conversa e explicamos a diferença do *goalball* para o futebol de cegos, que ambas são modalidades esportivas para deficientes visuais, porém o futsal é um esporte adaptado e o outro é um esporte direcionado ao público específico. Explicamos o que significava cada área demarcada na quadra e as regras da modalidade. Fizemos um alongamento e um aquecimento com os alunos, separando-os em duplas, em que um deles deveria ficar vendado e o outro não, para fazer o reconhecimento da quadra de *goalball* com os pés e as mãos, depois trocar as funções. A primeira atividade foi fazer com que os alunos experimentassem os três tipos de arremessos do *goalball*, que são: arremesso frontal, arremesso com giro e arremesso de costas. Todos experimentaram e os alunos que estavam auxiliando trocaram os papéis com quem já havia realizado a atividade. Na segunda atividade, os alunos foram organizados em roda, colocando seus pés colados ao pé do colega ao lado, para não deixar a bola passar por debaixo de sua perna, como podemos observar na figura 3; quando a bola chegava ao aluno e ele a segurava, deveria arremessá-la em outra direção. Os alunos que estavam sem vendas ficaram virados de costas para o centro da roda.

Na hora do jogo de *goalball*, a quadra estava demarcada com fita e barbante, os gols eram feitos com dois cones grandes, sendo separados times com quatro alunos, como representado na figura 3. As partidas tiveram duração de dez minutos cada e os únicos comandos que eram dados durante o jogo foram: “pode jogar”, “bola fora” e “gol”, sendo utilizada uma bola oficial de *goalball*. Para finalizar, fizemos uma roda de conversa e relacionamos a demarcação da quadra, que serve de referência para guiar os atletas, com os pisos táteis, necessários para locomoção de um deficiente visual.

Figura 3 – Aula de goalball



Fonte: própria dos autores.

Na 21ª e 22ª aula, reunimos as duas turmas no auditório da instituição para apresentar o “Mapeamento de não acessibilidade do campus”, realizado pelos próprios estudantes no início do projeto, ao diretor do campus e ao Núcleo de Apoio às Pessoas com necessidades específicas (NAPNE) e discutir melhores adequações desses espaços. Expusemos o que aconteceu ao longo do bimestre, o “porquê” estávamos discutindo aquilo e as fotos tiradas pelos estudantes dos locais sem acessibilidade no campus. Os estudantes tiveram a liberdade de explicitar seus argumentos em relação aos espaços que foram fotografados, finalizando com a argumentação do diretor sobre as adequações que estavam em andamento e as possibilidades que ele não tinha pensado, mas que apareceram no mapeamento.

4.2 Avaliação dos alunos

No último dia de aula (21ª e 22ª), aplicamos um questionário aos alunos via Google Formulários e, de 73 alunos, obtivemos 55 respostas, sendo que neste formulário havia perguntas de múltipla escolha e também discursivas. Para este artigo apresentaremos as respostas de algumas perguntas discursivas, sendo a primeira sobre os conteúdos aprendidos durante as aulas, a segunda sobre a justificativa da importância de se abordar esse tema no

contexto escolar nas aulas de Educação Física, a terceira quais mudanças eram importantes na percepção dos alunos.

Na questão, “O que você aprendeu nas aulas realizadas no projeto de Esportes Paralímpicos?”, surgiram várias questões relacionadas às três dimensões do conteúdo, abordada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como:

Conteúdos conceituais referem-se à construção ativa das capacidades intelectuais para operar com símbolos, ideias, imagens e representações que permitem organizar a realidade [...] à segunda categoria de conteúdos: a procedimental. Os procedimentos expressam um saber fazer, que envolve tomar decisões e realizar uma série de ações, de forma ordenada e não aleatória, para atingir uma meta [...] os conteúdos atitudinais permeiam todo o conhecimento escolar. A escola é um contexto socializador, gerador de atitudes relativas ao conhecimento, ao professor, aos colegas, às disciplinas, às tarefas e à sociedade (Brasil, 1997, p. 51-52).

Na dimensão conceitual, o Estudante 32 indica que aprendeu “sobre a finalidade das paralimpíadas e sobre a história”, destacando conceitos e fatos históricos. Ainda, apareceram respostas como a dos Estudante 4 e 15, respectivamente, “nos proporcionaram o entendimento teórico de vários esportes, em especial os esportes paralímpicos.” e “Sobre a importância da preparação e adequação tanto dos professores, alunos e espaço para a introdução de todos os alunos com alguma necessidade”. A prática pedagógica centrada na cultura desportiva competitiva, que proporciona uma resistência à inclusão de pessoas com deficiência, ainda permeia as aulas de Educação Física na escola. É possível identificar a necessidade de se pensar na formação de professores para uma prática docente inclusiva, para que os estudantes tenham uma experiência positiva durante o processo de aprendizagem, possibilitando a participação nas práticas esportivas dentro do ambiente escolar, respeitando as diferenças e proporcionando o maior conhecimento de suas potencialidades (Aguar; Duarte, 2005).

Sobre a dimensão procedimental, o Estudante 26 indica que aprendeu “como era realizado o goalball”, que se refere a vivência de um esporte específico para pessoas com deficiência. O Estudante 29 relata sobre as “experiências muito diferentes de como executar ou praticar esportes que já tinha experimentado antes”, referindo-se aos esportes adaptados vivenciados durante as aulas, que foram o vôlei sentado, o para atletismo, o basquete em cadeira de rodas e o futebol de cegos. Apesar de todo avanço na área da Educação Física escolar, é muito comum os alunos chegarem ao ensino médio com um repertório da Cultura Corporal de Movimento limitado a um só conteúdo, devido à ter experimentado uma realidade de “aulas baseadas nos modelos esportivista e recreacionista, nos quais o professor desenvolve os quatro esportes tradicionais ou, no segundo caso, entrega a bola aos alunos e se exime do ato educativo” (Rodrigues; Darido, 2008, p.1).

Do mesmo modo, destacaram-se respostas como a do Estudante 26, “Aprendi mais sobre esportes paralímpicos, porque muitos eu não sabia como eram realizados, como o goalball.” e do Estudante 28 “Aprendi a praticar esportes que não sabia como eram realizados”. O Estudante 50 descreve que “Aprendi a usar meus outros sentidos, e o quanto os Esportes Paralímpicos podem ser mais difíceis que outros esportes convencionais”, referindo-se aos esportes para deficientes visuais, com a audição como primordial na competição, também considerando que não temos a audição aprimorada como a de um deficiente visual. Dessa maneira, adaptar-se ao jogo é um pouco mais difícil, ainda mais sendo executado em espaços abertos como as quadras do IFMT, rodeadas de ruídos externos, que influenciavam diretamente na prática do jogo.

Proporcionar aos estudantes a vivência dos esportes Paralímpicos faz com que eles conheçam as modalidades esportivas, sintam as dificuldades que as pessoas com alguma deficiência possuem para praticar algum esporte (Maldonado; Bocchini, 2015). Assim, como explicam Alexandre e Kawashima (2021, p. 93),

Aprender a se colocar no lugar do outro só é possível quando experienciamos suas limitações e dificuldades, e a Educação Física deve oferecer essa oportunidade ao aluno por meio das diferentes práticas corporais em diálogo com a temática da inclusão social.

Sendo assim, é fundamental o professor, em sua prática pedagógica, proporcionar aos seus estudantes essas vivências diversificadas, para que tenham uma maior sensibilização com a inclusão de pessoas com deficiência.

Respostas relacionadas à dimensão atitudinal foram as que mais apareceram, como exemplo a resposta da Estudante 17:

Com essas aulas, passei a olhar as coisas e lugares com outros olhos, pensando se tais coisas/lugares são acessíveis para pessoas com alguma deficiência física, pois com algumas aulas e atividades pude vivenciar um pouco as coisas que estamos acostumados de outra forma.

Desta maneira, percebemos que foi possível proporcionar aos estudantes que não tinham deficiência e participaram das atividades desenvolvidas nesta Unidade Didática, uma sensibilização em relação à inclusão de pessoas com deficiência. O Estudante 35, por exemplo, deixou claro em sua resposta “e que apesar de não termos alguma deficiência, podemos reverter essa falta de inclusão”, mesmo estando em uma turma que não tem pessoas com alguma deficiência física, visual ou intelectual, pensamos em atividades que nos possibilitaram discutir inclusão social por meio do esporte. Isso está ligado com o que diz Zuanon (2006, p. 5):

[...] espera-se que, ao elaborar determinada atividade de ensino-aprendizagem, na tentativa de proporcionar, aos seus alunos, um sentido significativo

ao conteúdo, o professor estará dando ênfase a uma relação existente entre o assunto e a vida cotidiana dos alunos.

Da mesma forma, ocorreu com o “Mapeamento de não acessibilidade do campus”, fazendo com que os estudantes enxergassem espaços por outra perspectiva, trazendo reflexões e discussões de melhores adequações dos espaços físicos aos gestores da instituição.

Em outras respostas, percebemos que ao proporcionarmos aos alunos a oportunidade de refletir e perceber seu próprio processo de aprendizagem, eles ressaltaram que começaram a observar os espaços: “Aprendi a ver o mundo com outros olhos, me colocar mais no lugar do próximo porque nunca tinha visto toda a falta de acessibilidade nos lugares” (Estudante 23) e “[...] comecei a ter um olhar mais atento sobre a acessibilidade dos lugares que frequento” (Estudante 25). As falas dos alunos corroboram com aquilo que os PCNs discutem, ou seja, a escola reconhecer que é um ambiente de formação e informação, em que a aprendizagem dos conteúdos pode, de certa forma, favorecer uma relação de proximidade dos alunos com as questões sociais que estão presentes na comunidade em que eles fazem parte e nas questões de proporções maiores (Brasil, 1997).

Além de todas essas respostas voltadas às dimensões do conteúdo, apareceram outras que se voltaram para a importância da Educação Física e a sistematização das aulas, como destacou o Estudante 4 em sua resposta: “A aula de Educação Física ultrapassou o limite de apenas mais uma aula sobre esporte, como também na resposta do Estudante 31, que comenta “antes dessas aulas eu tive uma visão totalmente diferente das Paralímpiadas. Contudo, as práticas desses esportes serviram de aprendizagem para vida toda e também para nunca subestimar a capacidade de um deficiente (visual ou físico)”; e o Estudante 39 destaca que “foi uma experiência nova para a gente praticar esportes paralímpicos, nunca tinha participado de um jogo assim, foi uma experiência muito boa eu gostei.”.

Essas respostas nos mostram que podemos ir além de simplesmente proporcionar uma prática descontextualizada aos nossos estudantes ou nos limitar apenas a reprodução de movimentos, possibilitando a eles se relacionarem e conhecerem a temática abordada (Rodrigues; Darido, 2008). Como descrito pela BNCC:

A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento (Brasil, 2018, p. 214).

Neste sentido, é fundamental que a proposta pedagógica do professor esteja baseada nas três dimensões dos conteúdos, proporcionando aos nossos estudantes uma diversidade de

vivências, práticas e reflexões que passem a fazer sentido tanto para eles quanto para sua comunidade.

Em duas questões: “Acha importante a inserção desses conteúdos no planejamento do professor de Educação Física?” e “Acha importante a adaptação das aulas de Educação Física para que os estudantes com deficiência possam participar?”. Havia as seguintes opções: Muito importante; pouco importante; nem um pouco importante; e não responder. Todos os estudantes acharam “Muito importante” nas duas questões. Na questão seguinte, pedimos que os estudantes justificassem sua resposta sobre as questões anteriores, e foram essas algumas das justificativas:

Acredito que assim como eu, muitas pessoas que nunca tiveram essas experiências antes, possam adquirir esse novo olhar para o mundo. O que é muito importante, pois assim possam não só ganhar conhecimento teórico, mas sim pôr em prática na sociedade e comunidade em que vivem. (Estudante 16)

Temos pessoas com deficiências em nossos meios e eles precisam se sentir parte dessa sociedade e ser parte, e também esse ensino é importante para formar seres humanos mais conscientes. (Estudante 30)

Justificativas como essas nos mostram que os estudantes conseguem reconhecer que experiências vivenciadas na escola podem contribuir para uma sociedade inclusiva e construção de sujeitos mais conscientes. Mas, é necessário que os educadores criem essas possibilidades, como descrito no Parâmetros Curriculares Nacionais “é preciso proporcionar situações em que aprender a dialogar, a ouvir o outro, ajudá-lo, pedir ajuda, trocar ideias e experiências, aproveitar críticas e sugestões sejam atitudes possíveis de serem exercidas” (Brasil, 1997, p. 58), ao organizar as propostas das aulas é fundamental valorizar as vivências que possa possibilitar experiências significativas para formação dos sujeitos.

Outras justificativas se aproximavam da importância de incluir essas propostas, contribuindo para que os estudantes com deficiência, tenham uma boa experiência no ensino médio ou na educação básica no geral:

Todo mundo tem que ter a oportunidade e o direito de participar das aulas práticas que são realizadas juntamente com os seus colegas, principalmente os alunos com deficiência pois pode ocorrer até uma maior aproximação entre eles. (Estudante 12)

A adaptação é uma forma muito interessante de incluir aquele aluno, até para que ele possa ter uma boa experiência principalmente no ensino médio, tendo em vista que muitos saem tristes com o ambiente escolar por conta da exclusão, bullying e comentários maldosos. (Estudante 15)

A adaptação é super importante porque ajuda aos alunos com deficiência a se enturmar, e faz com que eles possam aproveitar e viver a educação assim como os demais alunos, faz com que os outros alunos sem deficiência possam se colocar no lugar do outro, e possam estar dispostos a ajudar na adaptação e compressão. (Estudante 51)

Desta forma, percebemos que os estudantes que participaram da pesquisa conseguiram enxergar a adaptação como meio de inclusão, além disso, meios de proporcionar uma experiência positiva aos alunos com deficiência que tem a oportunidade de estar em um ambiente escolar focado nessa inclusão de forma efetiva. Ressaltando a importância da escola se comprometer com a Educação Inclusiva, sendo que esse trabalho não é de obrigação só da instituição e sim de um conjunto, como descrito na Declaração de Salamanca em 1994:

Ao mesmo tempo em que escolas inclusivas provêm um ambiente favorável à aquisição de igualdade de oportunidades e participação total, o sucesso delas requer um esforço claro, não somente por parte dos professores e dos profissionais na escola, mas também por parte dos colegas, pais, famílias e voluntários (UNESCO, 1994, p. 5).

Mesmo que a escola proporcione um ambiente inclusivo, os alunos devem estar interessados e reconhecerem a importância de participar desse processo, proporcionando um ambiente em que eles aprendem e descobrem soluções juntos.

Outras respostas focam em como essas vivências podem contribuir para que os estudantes que não tenham deficiência desenvolvam uma maior sensibilidade para incluir as pessoas com deficiência:

É de extrema importância, pois caso haja algum aluno ele se sentirá parte da turma, não será excluído. (Estudantes 6)
Dessa forma se a escola incluísse os deficientes (visual ou físico) diminuiria muito a individualidade dos alunos no ambiente escolar e assim até podendo tornar os alunos mais solidários. (Estudante 30)
Acho importante, pois, assim, quando estivermos em situações com alunos com deficiência na turma, não será algo novo e já teremos experiência e conhecimento de como inclui-los em tudo. (Estudante 53)

As respostas são interessantes pelo fato de os estudantes reconhecerem essa mudança em si, percebendo que a escola é um ambiente transformador da sociedade. E, também, conseguimos depreender que atingimos um dos nossos objetivos, qual era “refletir a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de Educação Física”, fazendo com que eles enxergassem a importância da disciplina dentro da escola, como defende Kawashima (2018, p. 117), quando diz que os professores precisam proporcionar uma “ampliação e diversificação dos conteúdos da área para que os alunos tenham oportunidade de construir experiências mais significativas em suas aulas, construindo sentidos mais próximos dos objetivos pretendidos para a Educação Física na escola”. Acrescenta, ainda, que “o aluno só pode atribuir significado àquilo que vivenciou, experimentou, conheceu”, então, quando pensamos em construir uma sociedade mais inclusiva, que respeite e conserve os espaços adaptados, temos que proporcionar experiências significativas aos nossos alunos, de maneira que eles reconheçam e percebam essa importância.

Na questão que indicava “Qual sua sugestão para melhorar as aulas?”, o Estudante 01 sugeriu “Trazer alunos com deficiência para as aulas mais vezes”, levando em conta que tivemos a participação de um aluno da instituição apenas na apresentação do “Mapeamento de não acessibilidade do campus”, para que ele, como deficiente visual, expusesse como é a sua rotina e a relação com os espaços inadequados para sua locomoção da instituição. Outras se referem aos materiais:

Terem mais objetos que ajudem na dinâmica, como a bola por exemplo.
(Estudante 13)

Seria mais interessante para as aulas ter realmente os materiais que se utilizam nos esportes. (Estudante 24)

Mais verbas para compras de matérias e umas participações de deficientes nas aulas assim eles podem nos ensinar a nós conviver. (Estudante 32)

Surgiram várias sugestões de que a instituição precisa adquirir mais materiais adequados à prática dos esportes paralímpicos e adaptados, considerando que havíamos apenas uma bola oficial de goalball e outra de futebol de cego, sendo que para que todos pudessem participar adaptamos outras bolas. Os estudantes sentiram dificuldade em escutar os sons produzidos pelos materiais adaptados (como bolas de basquete dentro de sacolas plásticas), devido ao espaço aberto com os sons externos e aos estudantes que ficavam em volta da quadra provendo muito sons que dificultavam na concentração para ouvir o guizo da bola. Além das bolas, adaptamos também no jogo do basquetebol, as cadeiras. Há também a necessidade das instituições reconhecerem a importância de adquirirem esses materiais para que os professores possam promover essas experiências aos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos com esse artigo apresentar uma unidade didática aplicada para turmas do ensino médio integrado ao técnico em secretariado do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), bem como a avaliação da proposta pedagógica pelos estudantes participantes da pesquisa. A experiência relatada com o conteúdo esportes paralímpicos nas aulas de Educação Física no ensino médio tematizou a inclusão social de pessoas com deficiência no ambiente escolar e na sociedade, resultando em uma sistematização de 22 aulas, teóricas e práticas.

A Educação Física na escola, por muito tempo, teve sua prática pedagógica centrada nos estudantes mais habilidosos, buscava formar equipes competitivas e, os menos habilidosos, ficavam de fora da aula brincando com outros materiais. Porém, a Educação e a Escola não devem ter um papel neutro dentro da sociedade, sendo uma ferramenta capaz de gerar mudanças

e justiça social, possibilitando aos estudantes um conhecimento crítico sobre as organizações sociais, seus direitos e deveres (Cortella, 1999).

Dessa forma, a Educação Física Escolar deve cumprir também seu papel na formação dos estudantes, podendo e devendo discutir em suas aulas temas de relevância social, por meio dos conteúdos da cultura corporal de movimento, atingindo o que as Competências Gerais da Educação Básica propõem e fazendo com que os alunos analisem criticamente, reflitam sobre os temas discutidos em aula e valorizem a diversidade de saberes, para possibilitarem a eles fazerem escolhas alinhadas ao exercício da cidadania (Brasil, 2018).

A falta de material foi e é um problema na aplicação de Unidades Didáticas como a que elaboramos, pois os materiais mais comuns dentro das escolas são bolas de futsal, voleibol e basquete. Na nossa instituição não diferiu, adaptamo-nos da melhor forma possível, utilizando sacolas plásticas, fitas adesivas, cadeiras, entre outros materiais de fácil acesso, e emprestamos alguns materiais também, para que a experiência fosse exitosa aos estudantes.

Durante a nossa última aula, foi muito interessante ver os estudantes expondo suas opiniões sobre os espaços inadequados da instituição. Percebemos que eles conseguiram entender a importância de todos os aparatos necessários para os estudantes com deficiência, além disso, eles ficaram bem empolgados com a participação de um estudante deficiente visual, que participou da atividade para relatar um pouco da sua experiência, expondo também suas considerações em relação às possíveis adequações para o melhor convívio na instituição. As instituições de Educação Básica são a base da formação dos cidadãos e proporcionar essas vivências para os estudantes podem proporcionar a formação de novos profissionais nas mais diversas áreas com pensamentos mais sensíveis à inclusão.

Com as respostas dos estudantes ao questionário, percebemos que construir uma unidade didática e trabalhar os conteúdos nas três dimensões, possibilitou a eles uma maior compreensão dos temas abordados, em que puderam relacionar as vivências em sala de aula, com o que presenciam na sociedade, no cotidiano fora da escola. Além disso, conheceram novas possibilidades de praticar alguns esportes e como os esportes específicos para pessoas com deficiência funcionam. Isso fez com eles tivessem uma maior proximidade com a aula, pois o professor trouxe conhecimentos novos a eles, despertando suas curiosidades.

É notória a importância dos professores de Educação Física adaptarem suas aulas para possibilitar aos estudantes com deficiência uma formação efetiva, para isso é fundamental que os conheçam. Assim, é necessário um diagnóstico que possibilite conhecer não só o repertório cultural deles, mas também suas limitações e deficiências. O educador e a instituição de ensino devem sempre trocar informações sobre os estudantes que possuem laudos médicos, buscando saber sobre o seu desempenho e situação no decorrer dos bimestres ou trimestres. Os responsáveis por dar apoio aos estudantes

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. G.; KAWASHIMA, L. B. A inclusão social de pessoas com deficiência como tema das aulas de Educação Física do IFMT. In: KAWASHIMA, L. B.; GODOI, M.; MARTINS, E. (org.). *Educação física no ensino médio integrado da rede federal: compartilhando experiências*. [e-book]. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2021, p. 92-108.
- AGUIAR, J. S. de; DUARTE, É. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 11, n. 2, p. 223-240, ago-2005.
- ARAÚJO, P. F. de. *Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade*. 1996. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 1997.
- BRASIL. *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC / SEF, 1998. 114 p.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. *Regulamento Geral*. São Paulo, 2021.
- CORTELLA, M. S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez/Inst. Paulo Freire, 2000.
- COSTA, A. M. da; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.
- FRUG, C. S. Educação Especial, Educação Física e Inclusão. In: MOREIRA, E. C. *Educação Física Escolar: desafios e propostas I*. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2009, p. 229-239.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar/Abr, 1995.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas para o não lugar da EF escolar II. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 10-21, mar. 2010.
- KAWASHIMA, L. B. *Sentidos e significados da educação física para os alunos do IFMT – Campus São Vicente: a pesquisa-ação como forma de construção coletiva de conhecimentos*. 2018. 723 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2018.
- MALDONADO, D. T.; BOCCHINI, D. Prática pedagógica diferenciada nas aulas de educação física: os esportes adaptados na escola pública. *Revista Mineira de Educação Física*, v. 23, n. 2, p. 160-173, 2015.

RODRIGUES, H. de A.; DARIDO, S. C. As três dimensões dos conteúdos na prática pedagógica de uma professora de Educação Física com mestrado: um estudo de caso. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 19, n. 1, p. 51-64, 1. trim. 2008.

SILVA, A. F. da. *A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

SORIANO, R. R. *Manual de pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais*. Lisboa: IIE, 1994.

VELTRONE, A. A. *A inclusão escolar sob o olhar dos alunos com deficiência mental*. 123f., São Carlos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

PARIS 2024. *Une chorégraphie Originale par Sadeck Waff*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XCdsIkQqAmE> Acesso em: 09 maio 2023.

ZUANON, Á. C. A. O processo ensino–aprendizagem na perspectiva das relações entre: professor-aluno, aluno-conteúdo e aluno-aluno. *Revista Ponto de Vista*, v. 3, n. 1, p. 13-24, 2006.

SOBRE AS AUTORAS

Mayla dos Santos de Oliveira é Graduada em Licenciatura em Educação Física pelo IFMT - Cuiabá, acadêmica do programa de Pós - Graduação em Educação Física (PPGEF) da UFMT. Integrante do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Física no Ensino Médio Profissionalizante – GEPEFEP.

E-mail: maylaoliveira426@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8829-045X>

Larissa Beraldo Kawashima é doutora em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso. Possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp (2002), Especialização em Pedagogia do Esporte Escolar pela UNICAMP (2004), Especialização em Educação Física Escolar pela CEUCLAR (2007), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2010). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT - campus Cuiabá e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. É docente colaboradora do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF com polo na Faculdade de Educação Física da UFMT. É líder do Grupo de estudos e pesquisas em Educação Física no Ensino Médio Profissionalizante - GEPEFEP.

E-mail: larissa.kawashima@ifmt.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2613-9647>

*Recebido em 10 de maio de 202.
Aprovado em 14 de março de 2024
Publicado em 19 de abril de 2024*